



**LEITURA DE AUDIOVISUALIDADES NO ENSINO DA ARTE:
PROPOSTA DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM INTERAÇÃO**

**READING AUDIOVISUAL MEDIA IN ART EDUCATION:
PROPOSAL FOR PRODUCTION OF MEANINGS IN INTERACTION**

Analice Dutra Pillar¹
UFRGS
Associado/a/e ANPAP: sim

Gilvânia Maurício Dias de Pontes²
UFRN
Associado/a/e ANPAP: sim

Tatiana Telch Evalte³
SMED/PMPA
Associado/a/e ANPAP: não

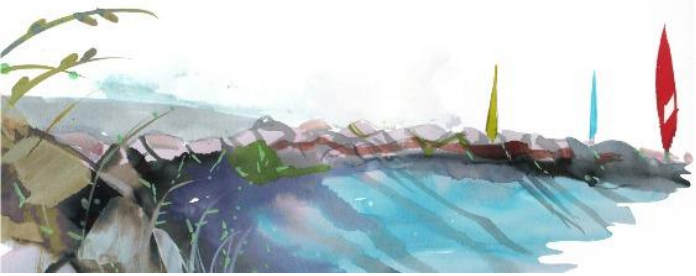
RESUMO

O texto apresenta alguns princípios de uma proposta de leitura audiovisual para educação, a qual foi elaborada em mais de 20 anos de pesquisas envolvendo criações das artes visuais, das mídias e do cotidiano; e realizada em diferentes contextos da educação básica e do ensino superior de modo a aprimorá-la. A abordagem teórico-metodológica está ancorada nos estudos sobre leitura de imagens, nos aportes da cultura visual e da semiótica discursiva, com foco nos efeitos de sentido que os procedimentos, que articulam as linguagens no audiovisual, possibilitam. A proposta de leitura audiovisual visa possibilitar um entendimento crítico tanto dos discursos como das articulações entre as linguagens visual e sonora que geram o efeito audiovisual; contribuir com estudos sobre leituras de produções audiovisuais na educação; dar visibilidade a diversas criações audiovisuais na escola.

Palavras-Chave: Educação audiovisual. Ensino de artes visuais. Proposta de leitura audiovisual. Produção de sentidos.

ABSTRACT

The text presents some principles of a proposal for audiovisual reading for education, which was developed in over 20 years of research involving creations from the visual arts, media and everyday life; and carried out in different contexts of basic and higher education in order to improve it. The theoretical-methodological approach is anchored in studies on image reading, in the contributions of visual culture and discursive semiotics, focusing on the effects of meaning that the procedures that articulate languages in audiovisual media make possible. The proposal for audiovisual reading aims to enable a critical understanding of both the discourses and the articulations between the visual and sound languages that generate



the audiovisual effect; to contribute to studies on readings of audiovisual productions in education; to give visibility to various audiovisual creations in schools.

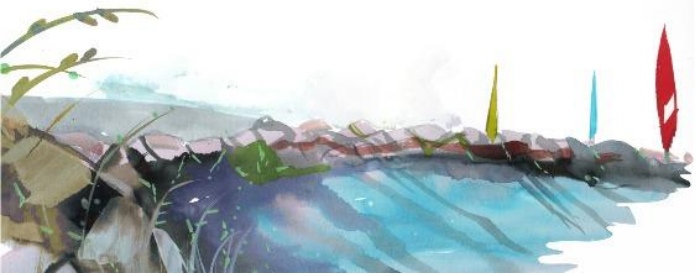
KEYWORDS: *Audiovisual education; Visual art education; Proposal for audiovisual Reading; Production of meanings.*

As produções audiovisuais, presentes das mais diversas formas em nosso cotidiano, habitam nossos pensamentos/sentimentos e suas leituras envolvem conferir sentido às relações entre o que vemos e ouvimos, que produzem o efeito audiovisual. Ángel Roldán (2012, p. 613) menciona que “o cinema, os filmes documentais, as séries de TV, os videogames e todo o tipo de documentos, materiais ou obras audiovisuais representam um arquivo antropológico de incalculável valor ao descreverem e exibirem uma cultura e uma época determinada.” Assim, torna-se de grande relevância para a educação realizar leituras dessas criações audiovisuais que evidenciam formas de ver, sentir e pensar de uma cultura, de um tempo e lugar.

Leitura de audiovisualidades no ensino da arte: aportes teórico-metodológicos

Estudos em diferentes áreas referem o que estamos chamando leitura como produção de sentidos, apreensão de efeitos de sentido, fruição, apreciação. No Brasil, no ensino de artes visuais a leitura visual e audiovisual passou a ser enfocada, de modo sistemático, a partir do final dos anos de 1980, com a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa. Autores como Edmund Feldman (1970), Michael Parsons (1992), María Acaso (2006); Fernando Hernández (2007) e Ana Claudia de Oliveira (2005) propiciaram estudos que subsidiaram experiências de leitura na escola, a partir de óticas diversas.

No ensino de artes visuais o termo leitura abarca uma multiplicidade de enfoques, os quais estão ancorados em distintas concepções teóricas. Ana Mae Barbosa (1991/2009) reporta possibilidades de leitura visual e ressalta a importância de

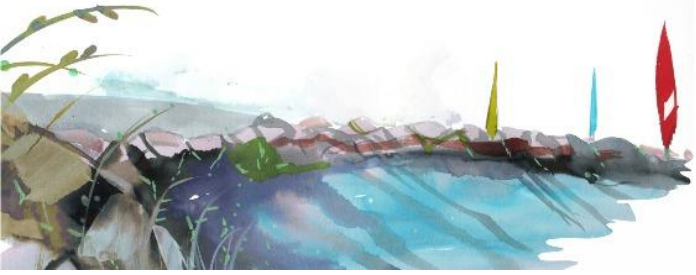


conhecermos as especificidades da linguagem visual e do audiovisual para aprimorar nossa experiência de leitura. A autora destaca que não há uma leitura, que não compete ao educador indicar “a” leitura das produções, mas instigar os estudantes a criarem os seus sentidos, conforme seus interesses e conhecimentos.

Edmund Feldman (1970) pesquisou as estratégias utilizadas para a leitura de imagens e definiu quatro momentos não evolutivos, mas que indicam entendimentos que vão se tornando mais complexos. O autor menciona um primeiro momento, em se procura descrever o que vemos na imagem; um segundo momento de análise das relações entre os elementos da imagem e das formas que criam; um terceiro momento de interpretação, em que se dá uma significação para a imagem; e um quarto momento de julgamento da qualidade da imagem. Este percurso pode ser feito em qualquer ordem.

Parsons (1992), a partir de pesquisas sobre o desenvolvimento da compreensão estética, identificou cinco estádios na leitura de imagens: (1) gosto intuitivo pelas imagens, atração pela cor, associações livres com o tema; (2) ênfase no tema, o qual está relacionado à beleza e ao realismo; (3) expressividade no sentido conferido aos objetos presentes na imagem, análise mais emotiva do que cognitiva; (4) foco na organização e no estilo da obra, na significação mais social do que individual; (5) distinção entre interpretação e juízo; e o julgamento se baseia nos conceitos e valores culturalmente construídos. Esta sequência diz respeito a uma sofisticação no desenvolvimento estético.

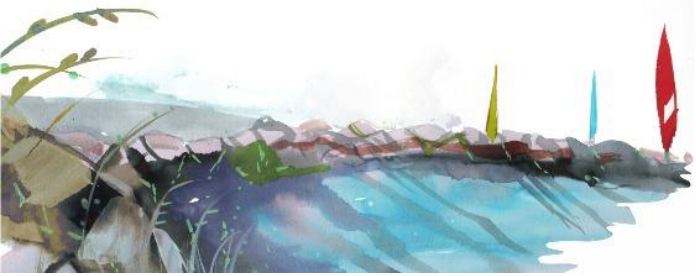
A respeito das leituras visual e audiovisual, María Acaso (2006) diz que ler consiste em deter o olhar no que se vê, compreender o que e como uma produção se mostra ao nosso olhar. A leitura implica, assim, uma ação curiosa de um sujeito em presença de uma produção visual ou audiovisual buscando construir efeitos de sentido a partir do que seus sentidos conseguem perceber, suas informações e do contexto em que está inserido. A autora propõe o Método de Leitura das Imagens que nos Rodeiam (MELIR) como uma possibilidade de análise crítica das imagens.



Conforme a autora, o MELIR compreende cinco momentos de leitura: 1) olhar a imagem e procurar classificá-la segundo sua função (informativa, comercial, entretenimento, artística); 2) cinco perguntas-chave (como esta imagem chegou até mim? Que estrutura física tem o produto visual? Como a imagem foi construída? É acessível? De quem é a autoria da imagem?); 3) Macro ou micronarrativa?; 4) Que atividade consumista que provoca? Que consequências sociais produz?; 5) Acredito no que ela mostra?

No Brasil, pesquisadoras como Ana Mae Barbosa (1991/2009), Ivone Richter (2003), Maria Fusari e Maria Heloísa Ferraz (1992), Maria Helena Rossi (2003) problematizam a leitura do ponto de vista dos estudos do ensino das artes visuais e da cultura visual, da interculturalidade e da compreensão estético-visual, a partir de diferentes autores. Richter (2003) ressalta em seus trabalhos a importância de um ensino de artes visuais intercultural que considere os “fazeres especiais” e a estética feminina do cotidiano. Fusari e Ferraz (1992) destacam os fundamentos de um ensino das artes visuais que envolve o educador compreender e intermediar o processo de construção do conhecimento estético e artístico. Rossi (2003) realizou pesquisas sobre leitura de imagens da arte na escola com estudantes de diferentes idades, a partir dos estudos de Parsons, analisando os níveis de compreensão estética de dois grupos de estudantes, um que realizava leitura de imagens de modo sistemático e outro, com um ensino de artes tradicional. A autora mostra como o pensamento estético dos estudantes que realizavam leitura de imagens da arte foi se tornando muito mais sofisticado do que os que não faziam leituras de modo sistemático.

A leitura, com base nos estudos da cultura visual (Freedman, Hernández), procura desconstruir as narrativas visuais e audiovisuais que se colocam como universais, problematizando as inter-relações das representações de classe social, gênero, raça, etnia para analisar as relações de poder que engendram. Freedman (2006, p. 2) ressalta que “as pessoas se apropriam das características das representações visuais adotando tais representações como descrições de si mesmas”. Hernández



extremos

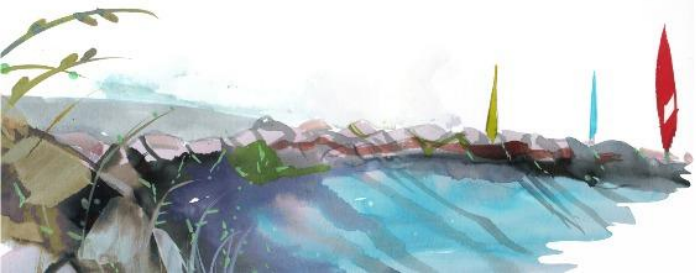
34° Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS

(2005, p. 9) observa que “a cultura visual como conceito e como campo de estudos oferece uma série de marcos teóricos e metodológicos para repensar o papel das representações visuais do presente e do passado e os pontos de vista dos sujeitos”.

No campo do ensino de artes visuais importa mencionar grupos de pesquisa no país que abordam a leitura de produções visuais e audiovisuais na perspectiva da cultura visual, com base nos estudos de Fernando Hernández: Grupo de Pesquisa Cultura Visual e Educação (GPCVE), da Universidade Federal de Goiás; Grupo de Estudos e Pesquisa em Arte, Educação e Cultura (GEPaec), da Universidade Federal de Santa Maria; Grupo de Pesquisa em Ensino de Artes Visuais, da Universidade Federal da Paraíba; Grupo de Pesquisa em Estudos Culturais e Arte-Educação (GPECAE), da Universidade Federal de Pernambuco.

A semiótica discursiva (Landowski, Oliveira, Fachine, Médola, Hernandes, Teixeira) busca descrever como se dá a produção e apreensão de efeitos de sentido em textos⁴, situações ou experiências sensíveis, a partir da análise das relações entre o que aborda e como o apresenta. A leitura de um texto envolve desconstruí-lo, identificando tanto suas qualidades sensíveis quanto seus significados, e reconstruí-lo para entender como as relações entre suas características expressivas e discursivas significam, desde um olhar imerso numa cultura, em uma certa época e lugar. A leitura é, então, um modo de compreender o que e como as narrativas audiovisuais se mostram.

Nessa perspectiva teórica, pesquisadoras do Centro de Pesquisas Sociosemióticas (CPS/PUCSP-CNRS) como Ana Claudia de Oliveira (2001); Sandra Ramalho e Oliveira (2005); Moema Rebouças, Lucimar Bello, Anamelia Buoro (2003) trazem grandes contribuições teórico-metodológicas a respeito das leituras visual e audiovisual. Oliveira (2001) tem desenvolvido estudos e pesquisas de grande relevância para o ensino de artes visuais sobre apreensão de efeitos de sentido de imagens da arte, da mídia e do cotidiano. Ramalho e Oliveira (2005) aborda a leitura de obras de arte, de imagens da publicidade, de objetos cotidianos, de produções



audiovisuais, enfocando os percursos de produção e apreensão de efeitos de sentido. Buoro, Bello e Rebouças (2003) ao realizarem leituras de imagens da arte enfocam estratégias para sua realização em espaços de educação formal e não formal.

Landowski (2017) tem denominado, o que estamos chamando leitura, como apreensão de efeitos de sentido através das interações sensíveis e inteligíveis que permeiam nossas relações cotidianas com as pessoas, com os textos e com as situações. A respeito das interações interpessoais o autor (2014) refere que podem se dar de diferentes modos, seja por manipulação, programação, ajustamento ou acidente. O sentido é, portanto, uma construção de cada sujeito, com seus interesses e informações, em diálogo com o que está posto nos objetos, sejam eles textos, situações ou experiências sensíveis, e com o contexto que o acolhe.

Em relação às produções audiovisuais, Médola (2000), Hernandez (2005), Fachine (2009) e Teixeira (2004) têm propiciado subsídios teórico-metodológicos sobre os procedimentos que articulam os sistemas visual e sonoro para constituir o discurso audiovisual. Ao discutir as diferentes linguagens e suas articulações no audiovisual, Médola (2000, p. 202) ressalta que “no registro televisual tanto o som quanto a imagem oferecem possibilidades de abrigar várias linguagens simultaneamente”. No sistema visual podemos identificar as linguagens verbal escrita, imagética, cenográfica, gestual e a moda; e no sistema sonoro, as linguagens verbal oral, da música e os ruídos. Interessa, então, analisar como as diversas linguagens se vinculam para produzir efeitos de sentido.

Hernandez (2005, p. 228) indica que as “tomadas de câmera, sons, músicas, iluminação, cenários, figurinos entre muitos outros elementos possíveis, constroem um todo de significação”. O autor (2005, p. 228) menciona os efeitos de sentido que estes dispositivos provocam e observa que “a ideia de efeito implica verificar que os sentidos foram construídos, ou seja, pensados para causarem certas impressões e redundarem em determinados atos”. Desse modo, ao analisarmos as significações

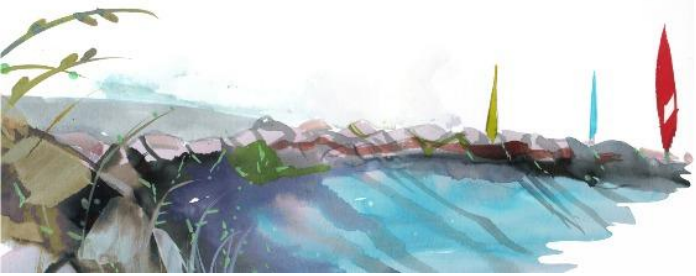


em um audiovisual, estas partem das relações criadas entre as diversas linguagens e os discursos que aportam.

Fechine (2009) afirma que numa produção audiovisual a construção que relaciona o visual e o sonoro confunde-se com os processos de montagem, os quais envolvem diferentes estratégias expressivas e discursivas. Na constituição do efeito audiovisual, a autora considera o ritmo como um elemento chave e procura descrever os modos como ele se manifesta nos sistemas visual e sonoro. A autora observa, ainda, que as relações entre os ritmos no vídeo (movimento visual) e no áudio (tempo sonoro) podem ser estabelecidas, em termos gerais, por consonância, quando as categorias expressivas forem as mesmas, ou dissonância, quando forem opostas. As correspondências consonantes ou dissonantes estão ligadas a efeitos de agradabilidade e desagradabilidade (sincronia e assincronia). As articulações entre o que se vê e o que se ouve criam um efeito audiovisual, com coincidência temporal ou não entre imagem e som, o que provoca sensações seja de coerência em relação ao percebido ou de estranhamento.

Ao estudar o modo de produção de sentido na relação entre o verbal e o não-verbal, Teixeira (2004) destaca a oposição entre reiteração e contraponto. A reiteração diz respeito a repetição de procedimentos para criar um efeito de redundância, o qual não é mera repetição, mas acúmulo, adensamento de sentidos e pode causar sínteses e discordâncias, inserir nuances ou correções. E “o contraponto supõe a simultaneidade de contraste e identidade (...) podendo variar numa escala que vai do máximo de identidade ao máximo de contraste” (Teixeira, 2004, p.8). Nessa relação entre reiteração e contraponto quanto mais intensa, mais se acentuam os contrastes; e quanto menos intensa, mais diluídos eles se tornam.

Produção de sentidos em interação



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

A leitura como produção de sentidos ou de efeitos de sentido consiste numa construção do leitor – com as informações que possui –, em relação com o audiovisual, num contexto cultural, procurando atribuir uma significação. O sentido vai ser tecido, então, a partir das informações contidas na produção audiovisual, do meio sociocultural e das competências cognitiva, sensível, perceptiva do leitor. Desse modo, a leitura não pode focar somente no audiovisual nem somente no leitor, pois os efeitos de sentido são uma criação que acontece através da interação do leitor com o audiovisual, num determinado tempo e espaço.

Na leitura estão implicados movimentos de aproximação gradual do objeto, como se nosso olhar fizesse um *zoom-in*, desfocando o fundo para realçar certos detalhes, sua linguagem, seu modo de produção; movimentos de afastamento gradual, como um *zoom-out*, para visualizar o todo da imagem, seu contexto num enquadramento espacial e cultural que posiciona imagem e leitor; e, ainda, tempo para analisá-la. Esta alegoria da leitura com os movimentos da câmera busca evidenciar a complementaridade entre essas ações na produção de efeitos de sentido, mostrando a relevância de cada uma e focalizando os deslocamentos entre elas, suas intensidades. Esses movimentos são contemplados na leitura tanto na abordagem da teoria semiótica discursiva como nos estudos da cultura visual. (Pillar, 2014, p. 30-32)

Ao buscar apreender os sentidos de um texto verbal, não verbal ou sincrético, a semiótica procura descrever e analisar *o que* o texto diz e *como* ele se mostra. No caso das produções audiovisuais é preciso analisar o discurso e como ele se apresenta no vídeo (nas linguagens visuais), no áudio (nas linguagens sonoras) e no entrelaçamento das diversas linguagens para produzir o efeito audiovisual. Assim, para compreender como o sentido se constitui, a semiótica propõe a desconstrução e a reconstrução das produções.

Ao desconstruir um audiovisual, descrevendo e analisando o que ele mostra (seu conteúdo) e como mostra (as linguagens presentes) se quer identificar seus



elementos. E ao reconstruir, o foco estará nas relações entre as linguagens visuais e sonoras, como elas se estruturam e que significações propiciam.

Ainda, nessa concepção de leitura como produção de sentidos em interação interessa proporcionar um encontro dos estudantes com o audiovisual em que eles possam expressar o que perceberam, como foram tocados sensivelmente, o que mais lhes chamou a atenção. Nas interações em grupo surgem ideias que se complementam e outras que se contrapõem, o que provoca diálogos interessantes. Nessas trocas é importante que o professor faça uma escuta atenta das ideias e concepções dos estudantes, pontuando algumas considerações para levá-los a perceber as qualidades sensíveis do audiovisual e as significações possíveis.

Proposta de leitura audiovisual: alguns princípios

Na proposta de leitura audiovisual importa, na seleção das produções a serem exibidas e analisadas na escola com os estudantes, contemplar tanto criações das artes visuais como das mídias e do cotidiano, abarcando diferentes discursos, abordagens e contextos. Nas artes visuais, as videoartes têm por foco o uso do vídeo como meio de expressão estética, envolvendo experimentações com imagens e sons, narrativas lineares e não lineares, fragmentadas. As produções exibidas nas mídias – seja na televisão, nas redes sociais, na internet – envolvem propagandas, desenhos animados, filmes de animação, séries, programas, novelas, que possibilitam leituras as mais diversas. Cotidianamente são feitos vídeos de situações, eventos, criações, que podem ser lidos criticamente.

Sobre o modo de apresentação das produções, interessa assistir com os estudantes e propiciar leituras interativas, em que o professor não indique uma leitura, a partir de um roteiro programado; nem direcione as leituras dos estudantes através de estratégias de manipulação; mas que procure construir os sentidos com os

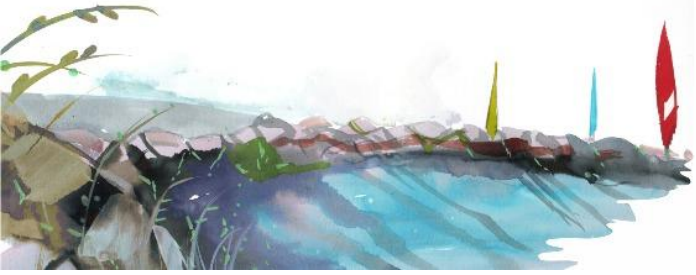


estudantes, a partir da desconstrução e da reconstrução de cada uma das produções escolhidas, evidenciando algumas redes de significações.

Para tal é preciso estender o tempo de apreensão do audiovisual, propiciando, a partir do que os estudantes percebem, fazer questões provocadoras considerando as suas competências de leitura. Ao analisar produções audiovisuais importa identificar os diferentes elementos que a compõem e como se relacionam; considerar os discursos que abordam e o contexto sociocultural em que estão inseridas; procurar apreender os efeitos de sentido que suscita.

Em relação aos estudantes, a proposta envolve conhecer o contexto em que o trabalho está inserido e o contexto do leitor/estudante; o que apreendem do audiovisual; como percebem as qualidades sensíveis no vídeo (as imagens, as tomadas de câmera, a iluminação, os cenários, os figurinos, as cores, a linguagem verbal escrita) e no áudio (a música, a linguagem verbal oral, os sons), bem como suas relações para produzir o efeito audiovisual. Aqui, é importante considerar a idade dos estudantes, as informações que possuem sobre o audiovisual, suas apreensões sensíveis e inteligíveis de cada produção.

Com este trabalho temos procurado entender como produzimos sentidos em interação a partir do que percebemos nas criações audiovisuais, das nossas competências de leitura e do contexto em que estamos inscritos. Interessa assistir as produções com os estudantes e realizar leituras interativas, que procurem, a partir da desconstrução e da reconstrução das produções, evidenciar algumas redes de significações. Essa proposta busca possibilitar aos estudantes um melhor entendimento do audiovisual, tanto das articulações entre as linguagens visual e sonora que criam o efeito audiovisual, como dos discursos que apresentam; contribuir com estudos sobre leituras de produções audiovisuais na educação; dar visibilidade a diversas criações audiovisuais na escola.



Referências

- ACASO, María. Esto no son las Torres Gemelas: cómo aprehender a leer la televisión y otras imágenes. Madrid: Catarata, 2006.
- BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- BARBOSA, Ana Mae. A imagem no ensino da arte. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BARBOSA, Maria Carmen; SANTOS, Maria Angélica dos. Escritos de alfabetização audiovisual. Porto Alegre: Libretos, 2014.
- BUORO, Anamelia; BELLO FRANGE, Lucimar; REBOUÇAS, Moema. Leitura da imagem: da teoria à prática, da prática à teoria. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; LANDOWSKI, Eric. (orgs.) IX Caderno de discussão do Centro de Pesquisas Sociossemióticas. São Paulo: Editora CPS, 2003. p. 19-30.
- EFLAND, Arthur; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. La educación en el arte posmoderno. Barcelona: Paidós, 2003.
- FECHINE, Yvana. Contribuições para uma semiotização da montagem. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; TEIXEIRA, Lucia (orgs.). Linguagens na comunicação: desenvolvimento de semiótica sincrética. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009. p. 323-370.
- FELDMAN, Edmund Burke. Becoming human through art. New Jersey: Prentice Hall, 1970.
- FREEDMAN, Kerry. Enseñar cultura visual. Barcelona: Octaedro, 2006.
- FUSARI, Maria F. de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloísa. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 1992.
- HERNANDES, Nilton. Duelo: a publicidade da tartaruga da Brahma na Copa do Mundo. In: LOPES, Ivã C.; HERNANDES, Nilton. (orgs.). Semiótica: objetos e práticas. São Paulo: Contexto, 2005. p. 227-244.
- HERNÁNDEZ, Fernando. De qué hablamos cuando hablamos de Cultura Visual? Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 30, n.2, p. 9-34, jul/dez 2005.
- HERNÁNDEZ, Fernando. Catadores da cultura visual. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- LANDOWSKI, Eric. Com Greimas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
- LANDOWSKI, Eric. Interações arriscadas. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- MÉDOLA, Ana Silvia D. A articulação entre linguagens: a problemática do sincretismo na televisão. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; CAMARGO, I. Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociossemióticas. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociossemióticas, 2000. p. 201-209.
- OLIVEIRA, Ana Claudia de. Visualidade, entre significação sensível e inteligível. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 30, n.2, jul./dez. 2005. p. 107-122. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12418> Acesso em: 10 jan. 2025.



OLIVEIRA, Ana Claudia de. Apontamentos sobre interação na arte contemporânea. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; MARRONI, Fabiane Vilella. (orgs.) Caderno de Discussão do Centro de Pesquisas Sociossemióticas. São Paulo: Editora CPS, 2001b. p.361-380.

PARSONS, Michael. Compreender a arte. Lisboa: Ed. Presença, 1992.

PILLAR, Analice Dutra. Leitura da imagem na sala de aula. Caderno Arte+Educação. São Paulo: Editora Segmento, 2014. p. 30-39.

RAMALHO e OLIVEIRA, Sandra R. Imagem também se lê. São Paulo: Rosari, 2005.

RICHTER, Ivone. Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

ROLDÁN, Ángel García. Videoarte en contextos educativos. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad de Granada, Granada, 2012. p. 613. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10481/21630>> Acesso em: 03 mar. 2025.

ROSSI, Maria Helena Wagner. Imagens que falam. Porto Alegre: Mediação, 2003.

TEIXEIRA, Lucia. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos. Gragoatá - Revista do Instituto de Letras da UFF, Niterói, v. 16, p. 209-227, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33349>> Acesso em: 20 jul. 2024.

Notas

¹ Doutora em Artes pela USP, mestre em Artes pela USP e graduada em Artes Plásticas pela UFRGS. Realizou pós-doutorado em Artes na Universidad Complutense de Madrid, Espanha. Bolsista de Produtividade em Pesquisa A do CNPq. É Professora Titular da UFRGS. Coordena o GEARTE/UFRGS/CNPq. É sócia da INSEA, da ABES e da ANPAP. Editora-Chefe da Revista GEARTE da UFRGS. E-mail: analicedpillar@gmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/0033345213407184>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2143-3406>.

² Doutora em Educação pela UFRGS, mestre em Educação pela UFRN e graduada em Pedagogia pela UFRN. Realizou estágio de pós-doutorado em Educação na UFRGS. Professora Titular da UFRN lotada no Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAP/UFRN). Coordena o Grupo de Pesquisa Arte e Infância (UFRN). É membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE/UFRGS-CNPq). E-mail: gilvaniapontes@hotmail.com. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/2536072255193237>. ORCID: <https://orcid.org/0000-001-9584-5409>

³ Doutora em Educação pela UFRGS, mestre em Educação pela UFRGS e graduada em Pedagogia pela UFRGS. Professora de educação infantil na rede municipal de educação de Porto Alegre/RS. Atualmente trabalha na Secretaria Municipal de Educação do Município de Porto Alegre (SMED/PMPA). É membro do Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (GEARTE/UFRGS-CNPq). E-mail: tatitelch@yahoo.com.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/4190365170162102> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7767-5036>.

⁴ A teoria semiótica considera os objetos, as imagens, os audiovisuais como textos a serem lidos. Esses textos podem ser verbais, visuais ou que relacionem várias linguagens para produzir uma significação.